



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO CONSUMO
CURSO DE BACHARELADO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

DANIELY SILVA DO ESPIRITO SANTO

**A SOBRECARGA DO TRABALHO DOMÉSTICO SOBRE AS
MULHERES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Recife, fevereiro 2021

DANIELY SILVA DO ESPIRITO SANTO

**A SOBRECARGA DO TRABALHO DOMÉSTICO SOBRE AS
MULHERES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência à obtenção do Grau de Bacharel
em Economia Doméstica na Universidade Federal
Rural de Pernambuco.

**Orientadora: Prof.a Dr. (a) Laura Susana
Duque-Arrazola**

**Co-orientadora: Prof.a) M.Sc Michelle
Cristina Rufino Maciel**

Recife, fevereiro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237s Santo, Daniely
A SOBRECARGA DO TRABALHO DOMÉSTICO SOBRE AS MULHERES DURANTE A PANDEMIA DA
COVID-19 / Daniely Santo. - 2021.
37 f.

Orientadora: Laura Susana Duque Arrazola.
Coorientadora: Michelle Cristina Rufino Maciel.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Economia Doméstica, Recife, 2021.

1. Desigualdade. 2. Mulher. 3. Sobrecarga. 4. Tarefas domésticas . I. Arrazola, Laura Susana Duque ,
orient. II. Maciel, Michelle Cristina Rufino, coorient. III. Título

CDD 640

Daniely Silva do Espirito Santo

A SOBRECARGA DO TRABALHO DOMÉSTICO SOBRE AS MULHERES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência à obtenção do Grau de Bacharel em Economia Doméstica na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientadora: Prof.a Dr.(a) Laura Susana Duque
Arrazola

Co-orientadora: Prof.a) M.Sc Michelle Cristina
Rufino Maciel

Banca Examinadora:

Prof(a). M.Sc (a). Hortência Cruz de Albuquerque
Departamento de Ciências do Consumo – UFRPE

Prof(a). M.Sc (a). Priscylla Karla da Silva Marinho
Membro Externo

RECIFE, 2021

Agradecimentos

Em primeiro lugar queria agradecer a Deus, Jesus e a Nossa Senhora da Conceição por sempre estarem ao meu lado. As minhas filhas Arielly e Arianne que foram minhas forças, o motivo maior para que eu nunca desistisse do meu sonho de ter uma graduação. Obrigada minhas meninas por tudo, essa vitória dedico a vocês duas. Amo vocês mais que tudo na minha vida.

Outras duas mulheres foram muito importantes na minha formação, minha mãe Maria Helena e a minha sogra Lindacy, obrigada por cuidarem das minhas filhas, sem esse apoio nada disso estaria acontecendo. Ao meu marido Aristarco por ter me incentivado sempre a entrar em uma universidade pública, obrigada pelo apoio para que esse meu sonho fosse concretizado, há vocês toda minha gratidão.

Às minhas orientadoras Laura e Michelle obrigada pela paciência e dedicação sem vocês nada disso teria acontecido.

Fátima, Cláudia e a Carla, obrigada por todas as palavras de apoio, aos meus colegas de classe, foi a melhor turma que tive na vida.

Meu pai Célio, te dedico essa vitória, não te dei essa alegria em vida mas você sempre está vivo no meu coração, sinto sua falta, Te amo para todo Sempre. Amara minha amiga obrigada, essa vitória é sua também, sempre torceu por mim, que bom ter você no momento mais feliz da minha vida.

Antes que eu esqueça, obrigada a todas as mulheres que lutaram para que tivéssemos acesso à educação e a todos os direitos, a luta de vocês não foi em vão.

Obrigada Lula e a Dilma por essa oportunidade de mudar meu destino e de tantos outros.

Resumo

Como o avanço da pandemia provocada pelo Covid-19, ao longo do ano 2020 e estendendo-se para 2021, tem se observado a intensificação dos processos relacionados à acentuação das desigualdades sexuais reforçadas nas relações de gênero estabelecidas no espaço doméstico/familiar, sobretudo em função do isolamento social, home office. Nesse sentido, o argumento da responsabilização com as atividades domésticas, tem feito com que as mulheres vivenciem um cotidiano que as sobrecarrega, seja em relação às atividades de cuidado com filhos/as, idosos/as, doentes da família e/ou seja, em relação a outras atividades que precisam ser desenvolvidas no âmbito doméstico. Embora as mulheres já estivessem à frente dessas atividades, mesmo antes da pandemia, com mais pessoas em casa, e tendo que conciliar, em alguns casos com o trabalho remoto, o isolamento social provocou um convívio mais intenso das famílias e um acúmulo de atividades executadas pelas mulheres, as quais, comumente não divididas de forma justa por todos os membros da família. Desse modo, faz-se necessário lembrar do enraizamento do patriarcado na sociedade contemporânea. Processo que historicamente coloca as mulheres enquanto responsáveis pelas atividades ditas “femininas” ou “coisas de mulher”, compreendidas como “improdutivas”, pois não geram recursos diretos para as famílias. Acentua-se então, o desafio de envolver todos/as da família na corresponsabilização das atividades domésticas e do cuidado, sobretudo, na figura(s) masculina(s): o homem enquanto agente participante e também responsável pelas atividades supracitadas. Para tanto, a pesquisa tem como objetivo compreender a percepção da mulher em relação a sobrecarga do trabalho doméstico durante o isolamento social causado pela pandemia da covid-19, a desigualdade na divisão das tarefas, em foco a ausência do homem e da pessoas que compartilham a casa e, apresentar como contribuição para ampliar as discussões referente a divisão sexual do trabalho e a sobrecarga da mulher no período de pandemia.

Abstract

As the advance of the pandemic caused by Covid-19, throughout the year 2020 and extending to 2021, there has been an intensification of processes related to the accentuation of sexual inequalities reinforced in gender relations established in the domestic / family space, especially in function of social isolation, home office. In this sense, the argument of accountability with domestic activities, has made women experience a daily life that overloads them, be it in relation to the activities of caring for children, the elderly, the sick in the family and / or, in other words, in relation to other activities that need to be developed at home. Although women were already at the forefront of these activities, even before the pandemic, with more people at home, and having to reconcile, in some cases with remote work, social isolation caused a more intense coexistence of families and an accumulation of activities performed by women, who are usually not fairly divided by all family members. Thus, it is necessary to remember the rooting of patriarchy in contemporary society. Process that historically places women as responsible for the so-called “feminine” or “women's things” activities, understood as “unproductive”, as they do not generate direct resources for families. The challenge of involving everyone in the family in the co-responsibility of domestic activities and care, especially in the male figure (s), is highlighted: man as a participating agent and also responsible for the aforementioned activities. To this end, the research aims to understand the perception of women in relation to the burden of domestic work during social isolation caused by the pandemic of the covid-19, the inequality in the division of tasks, focusing on the absence of men and people who share the house and, present as a contribution to expand the discussions regarding the sexual division of labor and the burden of women in the pandemic period.

Palavras chave: Desigualdade, Mulher, Sobrecarga, Tarefas domésticas

1. INTRODUÇÃO

Com a pandemia da covid-19¹ declarada pela OMS (Organização Mundial de Saúde) em março de 2020, as pessoas tiveram a sua rotina modificada, o isolamento social indispensável para conter a propagação do coronavírus, fez com que as pessoas convivessem mais e por um longo período de tempo maior no espaço da moradia.

O trabalho doméstico se intensificou nesse atual momento: mais refeições, limpeza da casa, cuidado com os/as filhos/as. Porém a cultura patriarcal do Brasil e sua divisão sexual do trabalho, como na grande maioria dos países, ainda designa à mulher a responsabilidade pelos afazeres domésticos. Muitas vezes, a própria mulher internaliza essas relações de poder vigentes e acaba assumindo ela a obrigação desses afazeres, dispensando muito pouco tempo para cuidar de si mesma, descansar ou buscar meios de lazer (PORTO, 2008).

“O contexto atual convida as mulheres ao trabalho, obrigá-las mesmo a isso, mas acena-lhes com paraísos do ócio e delícias e exalta as eleitas bem acima das que permanecem presas a este mundo terrestre” (SIMONE BEAUVOIR, p 196). Nesse contexto, o prazer da mulher resume se em concluir as atividades do trabalho, seja na esfera privada ou pública, ou em ambas, a romanização da mulher guerreira, faz com que muitas dessas mulheres se sintam frustradas por não conseguir realizar todas as tarefas atribuídas, nesse momento a mulher acaba renunciando a si mesma para dar conta das “ suas obrigações”.

Não é de hoje que as mulheres trabalham fora do lar, isso tem suma importância para sua sobrevivência, como da própria família, posto que em muitos casos, essas mulheres, com seu trabalho doméstico fora do lar, são as que levam o sustento para sua casa. Todavia, esse trabalho fora do lar não as isenta das atividades do lar. As mulheres têm jornadas duplas e até triplas e isso pode afetar seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Segundo Heleieth Saffioti (2004), o patriarcado termina por ser

¹Em 11 de março de 2020 a OMS (Organização Mundial da Saúde) anunciou que a partir dessa data a Covid19 era caracterizada como Pandemia, que é a disseminação mundial da doença. O Coronavírus (SARS-CoV-2) foi identificado em Wuhan na China, em dezembro de 2019, transmitido pelo contato físico, através de tosse, espirro, saliva, secreções e tocando em objetos contaminados de um paciente infectado, com quadro clínico variando de infecções assintomáticas a um quadro mais grave, podendo levar à morte do paciente.

a extensão do próprio modelo capitalista, caracterizando-o como “ *a ordem patriarcal de gênero da sociedade burguesa*”, caracterizando um modelo que intima mulheres e homens a se submeterem a horas de jornadas de trabalho, para ter dinheiro suficiente, para um padrão de vida imposto pela sociedade. O capitalismo transforma as pessoas em reféns dos próprios empregos em troca da sua sobrevivência e da família.

Com a pandemia da covid-19, disparada no Brasil no início do ano de 2020, esse quadro descrito por Heleieth Saffioti (2004) ganha maior expressividade, haja vista que, sobretudo as mulheres mais pobres, precisam se submeter a variadas formas de exploração do trabalho, ou seja, postos de trabalho mais precários e vulneráveis, chegando arriscar sua saúde e de sua família, para garantir a sua sobrevivência e de suas famílias.

Conforme dados do IBGE, vários homens e mulheres perderam sua renda, o que garantia sua sobrevivência. Segundo dados divulgados na Agência Brasil em agosto de 2020, a taxa de desocupação atingiu 14,3%, representando 13,7 milhões de desempregados/as no Brasil, ou seja 1,1 milhões de pessoas a mais desempregadas com a pandemia.

Com isolamento social, compreendido enquanto protocolo fundamental para as autoridades mundiais de saúde para impedir a propagação do vírus da covid-19, as pessoas passaram a conviver de modo mais intenso cotidianamente no sentido de uma presença constante dos membros da casa nos espaços coabitados.

Os espaços passaram a ser usados por todos/as ao mesmo tempo, incidindo nessa ocupação crianças, idosos/as, adolescentes; a presença paterna foi mais intensa, porém mesmo estando presente, não significa que a presença paterna esteja envolvida nas atividades que foram intensificadas com o isolamento social..

A rotina foi mudada drasticamente: escolas fechadas, áreas de lazer, nos primeiros meses da pandemia, boa parte do comércio foi fechado na tentativa de limitar a propagação do vírus. Diante desse cenário o trabalho doméstico se potencializou, alguns começaram a trabalhar em Home Office, mesmo com a ideia de “comodidade do lar”, a tarefa impõe seus desafios para ser executada. Ademais, algumas atividades, sobretudo as que compõem os postos de trabalho que não conseguem ser realizados de forma digital e/ou a distância, a exemplo as atividades desenvolvidas nos postos de trabalho mais precários e vulneráveis (diaristas, empregadas domésticas, manicures, cabeleireiras etc.) passam a ser o motivo para o desemprego ou para colocar em risco a saúde das mulheres e suas famílias com a exposição ao vírus da Covid- 19.

Outrossim refere-se à sobrecarga das mulheres em relação às atividades ligadas à maternidade:

A maternidade não é apenas um papel atribuído pela sociedade, mas um papel adequado às necessidades físicas e psicológicas da mulher. [...] o determinismo biológico é consagrado na verdade, na verdade uma defesa política do status quo em linguagem científica (GERDA LERNER, 1986 p. 46).

Na perspectiva do pensamento patriarcal associa-se a biologia ao “natural” o papel da mulher na sociedade, marcado pela maternidade, quando seu papel social deve-se realmente à divisão sexual do trabalho naturalizada pelo pensamento patriarcal embora seja de caráter social, como explicam as feministas, que se dedicam à causa.

Historicamente, nessa jornada de trabalho domésticos são caracterizados sempre como repetitivos, intuitivos, aprendidos pelas meninas em base a sua experiência adquirida ajudando a mãe. No entanto, para as mulheres o trabalho doméstico também requer saberes e como o trabalho dos homens, também é extenuante, e, cansativo, igual a qualquer outra profissão, com a diferença de sua baixa remuneração, e, não é valorizado o trabalho doméstico pela sociedade.

“O trabalho doméstico a que estão voltadas às mulheres é semelhante, aos encargos da maternidade: reproduzem-se no dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos” [...] como explica Simone de Beauvoir (1948, p.98).

Os homens, diferentemente, têm valorizado suas atividades fora do lar. Com isso ficam e sentem-se eximidos da necessidade de participar das atividades domésticas. Aos olhos da sociedade a divisão sexual do trabalho masculino, o trabalho remunerado fora de casa que o consagra como provedor da sobrevivência familiar.

Em tempos em que além de trabalhar em casa, as mulheres trabalham fora do ambiente doméstico, vão acumulando atividades, e em tempos de pandemia pela Covid-19, esse cenário vem se agravando. Passa a ser desafiadora a rotina para conciliar os cuidados e o acompanhamento da educação dos/as filhos/as na forma remota, as atividades domésticas, trabalho remunerado e em alguns casos, os

estudos. Essa realidade vem provocando uma sobrecarga de trabalho para essas mulheres.

Nesse contexto, as mulheres tendem a solicitar esses auxílios nas tarefas domésticas aos companheiros. Sempre que a atividade de alguém conferir como ajudar a responsabilidade é do outro (Heleieth Saffioti, 2004). A sociedade patriarcal sempre valorizou esse tipo de organização, as mulheres no espaço privado (lar) e os homens no público e, sempre que o companheiro se destina a fazer algum tipo de atividade doméstica em seu dia de folga, são exaltados e ganha a colocação de que é um marido excelente . Desse modo invisibiliza-se em formato de obrigação as atividades desempenhadas pelas mulheres e valoriza-se ações pontuais realizadas pelos homens esporadicamente.

Segundo Heleieth Saffioti (2004) o machismo não se organiza unicamente em torno do homem, mas faz parte também do discurso e prática de muitas mulheres. A valorização do homem que ajuda é reproduzida na fala das mulheres constantemente e isso fortalece e propaga a ideia de que as obrigações e cuidados com o lar é destinado apenas às mulheres.

Frente a essa conjuntura aponta-se a questão que instigou a pesquisa deste TCC: Qual é a percepção das mulheres em relação a sobrecarga do trabalho doméstico durante a pandemia do covid-19? Apresentando como objetivo geral: identificar a desigualdade de gênero em relação às atividades domésticas, no período de isolamento social durante a pandemia provocada pela Covid-19. E com isso compreender as implicações da ausência, principalmente masculina, em relação a divisão e a execução das tarefas domésticas.

Contudo, o interesse pela temática surgiu diante das discussões e estudo dos textos da disciplina Mulher, Gênero e Desenvolvimento ministrada pela Prof^a Laura Susana Duque-Arazola do DCD no 6º período do Curso de Bacharelado em Economia Doméstica, momento formativo em que provocou o interesse em escrever sobre as questões que envolvem o cotidiano das mulheres, entretanto chamando atenção para entender o lugar do homem e as atitudes dos homens em relação às mulheres, seja nas questões que envolvem as atividades domésticas, sem perder de vista as questões relacionadas a violência contra essa mulher.

Outra passagem importante no meu processo formativo foram as disciplinas cursadas nos 7º e 8º períodos (Desenvolvimento da Criança e Desenvolvimento do Adolescente) disciplinas que também tencionaram e intensificaram a pauta das relações familiares, suas construções e seus desafios, embora foco tenha sido o desenvolvimento da criança e do adolescente.

Diante dessas discussões em sala, ao associar a vivência do cotidiano, com o conteúdo estudado surgiu a ideia de escrever sobre o tema referente a sobrecarga que a mulher recebe em relação às atividades domésticas, e a falta de empatia dos companheiros sendo evidenciado durante a pandemia do Covid-19 ao longo do ano de 2020.

Este trabalho se faz relevante para o/a Economista Doméstico/a por se tratar de um assunto que compete à atuação do/a profissional, haja vista possibilidades de desenvolver diferentes trabalhos relacionados e articulados (na área de desenvolvimento humano; arte, habitação e vestuário; e alimentos nutrição e saúde) com famílias, apreendendo os desafios e as diferentes dinâmicas geracionais no espaço doméstico/familiar.

Portanto, para contribuir na qualidade de vida das famílias é preciso que haja uma reflexão crítica sobre a dinâmica cotidiana das famílias e a divisão sexual do trabalho, sobretudo em relação à importância do papel desempenhado pelas mulheres no espaço doméstico/familiar, considerado enquanto legítimo e fundamental para a garantia da reprodução da vida.

1.2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, ou seja, segundo Minayo et.al (2002), onde responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

Alinhada à perspectiva qualitativa foi realizada uma pesquisa bibliográfica em artigos, livros, e como instrumento de pesquisa para a coleta dos dados sobre a sobrecarga de trabalho das mulheres, elaborou se e aplicou um questionário online por meio da plataforma do Google Forms (Formulario do Google) com 12 perguntas. O referido formulário circulou de modo on-line entre os dias 09 a 13 de fevereiro de 2021

e cuja amostra foi constituída por 19 mulheres com idades entre 26 - 63 anos, residentes na Região Metropolitana do Recife.

A amostra foi de uma pesquisa intencional, ou seja o formulário foi socializado com mulheres com o seguinte perfil: residente na Região Metropolitana do Recife, casadas e/ou solteiras, com e/ou sem filhos/as, mas que em comum tiveram suas vidas de alguma forma afetadas pela pandemia do covid-19 (situação previamente identificada com o contato cotidiano com as mulheres) conforme a descrição no quadro I.

As perguntas foram estruturadas conforme a rotina dessas mulheres e sobre a dinâmica da divisão sexual do trabalho ou tarefas domésticas em suas casas. Os nomes utilizados na entrevista são fictícios.

Após a realização da coleta das informações via formulário, as respostas e depoimentos foram sistematizados e analisados para fins do presente estudo.

1.3 Perfil das mulheres entrevistadas

Quadro 1: caracterização do perfil das mulheres que participaram da pesquisa

Nome	Idade	Filhos/as	Estado Civil	Trabalha Fora de Casa	Profissão	Quantas Pessoas moram na residência	Mora com
Lilian	33 anos	Não	Casada	Sim	Enfermeira	Duas	Marido
Narcisa	33 anos	Não	Casada	Não	Doméstica do Lar	Duas	Marido
Petunia	27 anos	Não	Casada	Não	Doméstica do Lar	Duas	Marido
Suzana	33 anos	Dois	Casada	Não	Doméstica do Lar	Quatro	Marido, filho e filha
Minerva	38 anos	Dois	Casada	Não	Estudante	Quatro	Marido e filhas
Dolores	48 anos	Um	Casada	Sim	Empresária	Três	Marido
Cho	60 anos	Dois	Divorciada	Não	Doméstica do Lar	Três	Filhos

Murtua	38 anos	Não	Casada	Não	Doméstica do Lar	Duas	Marido
Luna	36 anos	Não	Casada	Sim	Auxiliar de escritório	Duas	Marido
Molly	26 anos	Não	Solteira	Não	Doméstica do Lar	Quatro	Namorado, Sogro Sogra
Lilian	28 anos	Não	Casada	Não	Estudante	Duas	Marido
Pomona	33 anos	Sim	Casada	Sim	Professora	Três	Filho e Marido
Rita	61 anos	Um	Solteira	Não	Boleira	Duas	Filha
Hermione	55 anos	Dois	Casada	Não	Doméstica do Lar	Três	Esposo e Filha
Padma	40 anos	Dois	Casada	Sim	Diretora Financeira	Três	Marido
Gine	38 anos	Dois	Casada	Não	Autônoma	Quatro	Marido, filho e filha
Ariana	63 anos	Um	Casada	Não	Aposentada	Dois	Marido
Mafalda	27 anos	Não	Solteira	sim	Professora	Cinco	Pai, Mãe, irmão e Prima
Sibila	43 anos	Três	Casada	Sim	Professora	Cinco	Tres filha, marido e cunhado

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a temática referente a sobrecarga da mulher com as atividades domésticas em detrimento ao isolamento social, com base na literatura bibliográfica para a construção do referido trabalho.

2.1 - SITUANDO AS QUESTÕES DE GÊNERO: IMPRESSÕES, CONCEITOS E A VIDA DAS MULHERES.

Nos tempos atuais as questões de gêneros na pandemia manifestaram-se de forma mais evidente, mesmo sendo um assunto antigo, porém pouco debatido. A desigualdade de gênero tem se apresentado nos cotidianos das mulheres, segundo sua classe social, raça e etnia. No entanto, tem se evidenciado com mais intensidade neste período de pandemia, a começar pelo cotidiano dos trabalhos domésticos que historicamente foram destinados às mulheres pela divisão sexual do trabalho, por ser um trabalho que pode ser conciliado à maternidade. Com isso houve a naturalização de que as mulheres nasceram para o ambiente doméstico, espaço da reprodução e dos cuidados cotidianos.

Os papéis atribuídos às mulheres, como a dedicação prioritária à vida doméstica e de familiares, colaboram para que a domesticidade feminina fosse vista como um traço natural e distintivo do ser mulher [...] (Flávia Biroli, 2014). A função mãe, esposa e dona de casa é a mais comum em toda a história da humanidade, e desde pequenas, as meninas são incentivadas a serem boas mães, donas de casa e esposas perfeitas. A maioria dos brinquedos destinados às meninas são utensílios de casa e bonecas, assim incentivando e estimulando a domesticidade feminina e a normalização de que a mulher nasceu para o trabalho doméstico.

Segundo Madel T. Luiz (1982) [...] Acentuar os aspectos de confinamento da mulher às funções do lar e da maternidade, e ao matrimônio, é parte da socialização das mulheres é entendida como única forma de realização pessoal da mulher para ser admitida pela sociedade. Essa auto realização, priva as mulheres de atuar em outras áreas, limita seus conhecimentos e assim, normaliza essa posição imposta pela sociedade. O que dá espaço para que os homens se lancem no mercado de trabalho com seus projetos, distantes do cotidiano familiar.

O papel do homem já na sua infância, recebe uma educação diferenciada da feminina, onde os comentários surgem denotando uma conduta fabricada forçadamente de forma quase que naturalizada que podem ser exemplificadas a seguir: “homens não choram”, “não são sensíveis”, tem que ser “garanhão”, entre

outros adjetivos que recebem ao longo da vida. Os brinquedos fabricados para meninos, em sua maioria desenvolvem o sistema psicológico e motor, estimulam a aprendizagem, o desafio da rua e os papéis destinados a essa criança, quando se tornar um homem adulto, não o restringem. Os brinquedos para meninos geralmente são ativos, pedindo um tipo de ação a exemplo dos trens, carrinhos (Chimamanda Ngozi, p.24, 2017).

O modelo do homem que o capitalismo constrói com suas instituições é um modelo de ser humano racional, forte, ao mesmo tempo egoísta e disciplinador (Madel T. e Luiz 1982). Quando uma mulher chega onde o homem sempre esteve, ela deve ter as características dessa racionalidade e domínio emocional: racionalidade para tomar decisões corretas, caso contrário no primeiro erro, as críticas serão inevitáveis. A mulher precisa ser forte e guerreira para seguir sua meta, assim como também disciplinada. Quando um homem é visto como egoísta, ele apenas está querendo se firmar para ter um futuro melhor. Quando uma mulher tem a mesma atitude, ela recebe críticas de querer ocupar o lugar ou mudar a sua natureza.

Segundo Madel (1982) o homem será progressivamente assimilado à *soberania* do Estado dentro do lar. Essa *soberania*, esse poder vem da divisão sexual do trabalho e das relações sociais que a legitimam instituindo o homem, o masculino com o prover: “homem provedor”. Ao tempo em que a renda das mulheres da classe trabalhadora, da(s) classe(s) média(s) é ainda considerada um ajuda, um complemento. Seu lugar é a casa, o trabalho doméstico.

O fato do homem suprir as necessidades da família, pois pela ideologia patriarcal é ele quem trabalha, quem mantém o sustento da casa, esta é para o homem o lugar do descanso, de ser servido pela mulher.

O trabalho invisível que a mulher faz em casa durante o dia e a noite, o trabalho do cuidado no lar, é visto, significado como sem valor, porque é sua obrigação aos olhos de homens e mulheres, enfim, da sociedade patriarcal. O homem não precisa ser bom, dar de si para sobreviver (Madel T. Luiz 1982). De fato, no modelo patriarcal é a mulher quem deve garantir que o homem esteja bem visto, alimentado e gozando de boa saúde.

Em tempos de pandemia as mulheres se viram sobrecarregadas com as atividades domésticas, o trabalho remoto, cuidado com os/as filhos/as, seus próprios estudos pessoais. A ausência da divisão de trabalho entre o casal, pode afetar a saúde mental dessas mulheres.

Essa "É a jornada da mulher, busca se igualar ao homem na jornada de trabalho, mas, na visão do marido ela tem que lembrar que é *obrigação dela as coisas de casa*" .Foi a frase que Bellatrix, 38 anos, ouviu do seu marido, Voldemort, 40 anos, ao reclamar que o lixo não tinha sido colocado para fora e o carro da coleta já tinha passado.

[...] saí cedo por volta das 07h para fazer feira no supermercado, para evitar ficar exposta por muito tempo na fila, Carlos estava em casa esperando o meu telefonema para ir me buscar quando eu terminasse a feira, ao chegar em casa, vi que o caminho do lixo tinha passado e o lixo não colocado para fora. Quando eu falei que estava cansada, por ter tantas obrigações, ele me disse que isso era minha obrigação e que é a jornada da mulher (Bellatrix, 38 anos.)

A resposta do marido, é uma forma de afirmar que é a " Obrigação" da mulher, reforça a cultura do patriarcado, onde a mulher, mesmo que esteja realizando uma atividade fora do lar, as atividades domésticas ainda pertencem a mulher. O sexismo se intensifica na fala dos companheiros que se isentam se das atividades domésticas com base no discurso de que essas atividades são femininas, exclusivas das mulheres, pelo fato delas serem mulheres.

Com a pandemia e o isolamento social, a desigualdade de gênero no cotidiano familiar, evidenciou-se, aumentou, já que a demanda por ele dentro do lar cresceu com a intensa presença do grupo familiar no espaço da moradia. Mas nem sempre a divisão dessas atividades corresponde às necessidades da família ou da casa. Mulheres e homens se viram com um "novo normal": trabalho remoto a partir do lar, estudos (educação) de filhos/as no espaço da moradia, cozinhar, limpar e arrumar a casa seus objetos e compras que vem da rua, o cuidado com as roupas, entre outros. Esse tipo de cuidado, de trabalhos domésticos, gera uma sobrecarga nas esposas-mães e as mulheres da casa em que se executam. Sobrecarga devido a repetição das atividades no decorrer do dia, sem falar das outras atribuições como trabalho home office, cuidado com a educação das filhas e filhos.

Ao trabalhar fora do lar, a mulher não se vê livre das atribuições domésticas que na pandemia do Covid-19 passam a ser exigidas de modo mais intenso. É conferido às mulheres o suprimento das necessidades do lar, sobretudo ao estar e/ou retornar do trabalho desenvolvido fora do espaço doméstico.

Apresenta-se *falsa* a percepção de satisfação que a sociedade dá à concepção da expressão popular mulher “*guerreira*”, mulher que dá conta do seu trabalho fora de casa e ainda cuida da sua família. Essa visão patriarcal e a realidade do dia a dia no ambiente familiar da sobrecarga de trabalho, as sobrecarregam e as desestimulam a terem outros objetivos que não só os domésticos-reprodutivos, por vezes deixando o espaço livre para que o seu companheiro possa seguir seus projetos e realizações pessoais.

A dedicação imposta às mulheres sobre as atividades domésticas e cuidados com os membros da família, permite que o homem seja liberado para atender a exigências profissionais que lhe permitem maior remuneração e a construção de uma carreira (Flávia Biroli, 2014). Desse modo, limita-se a possibilidade e o direito das mulheres em fazer suas próprias escolhas, ou seja, investimento em sua carreira profissional; adiam-se sonhos, projetos, dentre tantas possibilidades de crescimento pessoal e profissional.

Segundo dados da agência IBGE² (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Notícias, matéria de 2018, as mulheres dedicam 21,3 horas por semana com afazeres domésticos e com pessoas doentes, já os homens gastam 10,9 horas por semana. Para as que trabalham fora de casa gastam 8,2 horas a mais em obrigações domésticas que os homens que também trabalham. Esses dados mostram a desigualdade na divisão de tarefas no lar, e é nítido que a mulher passa mais tempo nas tarefas domésticas, e com pouco tempo para descansar ou realizar outros projetos pessoais de estudo, profissionalização, entre outros.

Segundo Daniele Kergoat (2009), às condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas, sobretudo, construções sociais. As mulheres são submetidas a essas condições diariamente e repetidamente e

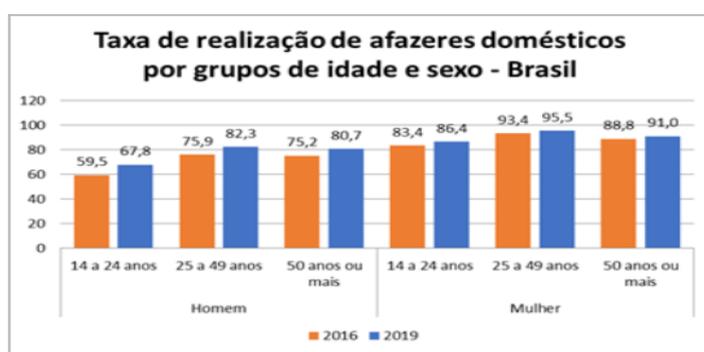
² Site Agência IBGE e Notícias: Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas.

existe uma cobrança sobre a mulher, em que deve dar conta dessas atividades para ser completa.

Segundo dados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) realizado pelo IBGE entre os anos de 2016 a 2019, houve um aumento significativo nos afazeres domésticos, a desigualdade na divisão afeta as mulheres que tiveram uma maior dedicação às tarefas domésticas em relação aos homens.

A seguir observa-se a figura 1 que trata distribuição das atividades domésticas em relação ao sexo e a faixa etária.

Figura 1



Fonte: IBGE, 2019.

O aumento da realização das atividades domésticas aumentou consideravelmente entre os anos de 2016 a 2019, a pesquisa mostra que em relação às idades o aumento foi para ambos os sexos, porém é nítido que mesmo que o homem esteja contribuindo a mais com as atividades domésticas, as mulheres são as que estão à frente dos afazeres domésticos, entre os homens houve o crescimento de 8.3 pontos percentuais e as mulheres houve um crescimento de 3.3 pontos percentuais. Isso faz refletir que mesmo que os homens participem das atividades domésticas as mulheres ainda são a maioria a realizar essas atividades.

A partir de contribuições podemos dizer apoiando nos em Heleieth Saffioti (1987) que a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem e sem dúvidas, a maior parte das responsabilidades fica sempre com a mulher. Todavia, "(..) quando não conseguem mais sustentar a situação explodem" (LUZ, Madel,b 1982 p.29), quando acontece de uma mulher gritar por ajuda ela recebe

o título de louca, ou deve estar passando pelo período de *tpm*³, sempre haverá um rótulo para aquele tipo de comportamento, mas quase nunca será entendido como um pedido de socorro devido o esgotamento físico e mental.

A visualização do comportamento sem ver a causa raiz faz com que as mulheres se lhes apliquem generalizações com rótulos negativos, absorvendo e podendo prejudicar a sua saúde mental por não conseguir realizar todas as tarefas que a sociedade patriarcal impõe como o padrão positivo.

Os homens que não assumem as suas responsabilidades no lar, são acobertados e exaltados pelo patriarcado, quando decidem lavar a louça ou alguma outra atividade, são endeusados como um homem diferente dos demais. Quando acham necessário fazer algo para ajudar em casa, recebem elogios e são exaltados.

O isolamento social não revelou apenas a sobrecarga da mulher, um outro assunto foi bastante discutido, a violência doméstica e o feminicídio. Em Pernambuco, a Secretaria de Defesa Social (SDS) divulgou os dados da violência no ano de 2020, entre os meses de janeiro a dezembro houve uma diminuição nas notificações nos casos de violência contra a mulher em todo o estado.

O feminicídio em Pernambuco também teve uma redução nos números, comparados com os anos entre 2008 a 2018 Pernambuco, teve a 4º maior diminuição na taxa de homicídios contra as mulheres, dados do Atlas da violência 2020, disponibilizado no site do governo de Pernambuco. Porém esses dados não se devem ao fato da violência contra mulher estar diminuído. Com as medidas do isolamento social, as mulheres não tiveram acesso às delegacias por estarem confinadas com seus agressores, por muitas vezes o medo das consequências dessas denúncias, do que podem causar, à vida dessas mulheres, inibe a denúncia.

No Brasil os casos de feminicídios tiveram um aumento, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no 1º semestre de 2020, 648 mulheres foram assassinadas, em 89,9% dos casos pelo companheiro ou ex dessa mulher. Com as

³ Tensão pré menstrual, período que precede a menstruação podendo aparecer sintomas físicos e psicológicos.

medidas de isolamento, para conter o avanço da covid -19 contribuiu para o aumento do número de feminicídio.

O número de chamadas para o 190 aumentaram 3,8%, cerca de 147.379 chamados, porém o número de registros de boletins caiu 9,9%. Com o isolamento essas mulheres tiveram que conviver mais tempo com seus agressores, o medo de denunciar e a falta de apoio impedem que essa mulher saia desse ciclo, e, com isso em alguns casos, podendo salvar sua própria vida.

2.2 PANDEMIA DO COVID - 19 E SEUS DESDOBRAMENTOS NO COTIDIANO DE TRABALHO DAS MULHERES.

Segundo uma reportagem da folha de São Paulo publicada em agosto de 2020, uma pesquisa realizada pela organização feminista (SOF) dados foram coletados entre 2.641 mulheres em todo país, das mulheres que passaram a trabalhar em home Office 57% disseram que houve uma acumulo de tarefas domesticas, já com os homens esse aumento foi 21%.

Além disso, 50% das entrevistadas passaram a cuidar de outras pessoas, parentes ou amigos. A pesquisa mostra que 83% das mulheres ficam estressadas e ansiosas e 71% sentiram que as obrigações aumentaram nos afazeres domésticos.

É nítido que a desigualdade na divisão do trabalho aumentou nesse momento que vivemos na Pandemia. Mulheres e homens sentiram esse aumento nos afazeres domésticos, mas as mulheres têm ficado com a maior responsabilidade.

O âmbito das relações familiares e íntimas pode ser também o da distribuição desigual das responsabilidades sobre a vida doméstica e sobre as crianças, dos estímulos diferenciados que favorecem um maior exercício da autonomia, no caso dos homens, e a obediência ou o engajamento em relações que cultivam uma posição de dependência e subordinação para as mulheres (BIROLI, Flávia⁴. 2016).

⁴ Extraído do livro em pdf Feminismo e política. Uma introdução. Luiz Felipe Miguel e Flávia Biroli

Com tanta responsabilidade adicionados na conta da mulher, 24 horas não suprem a rotina pesada do dia a dia. O lado maternal explorado nas mulheres aprisiona às mulheres em rótulos de cuidadora, amável, gentil, entre outras atribuições. Para atender a essas expectativas, elas se doam voluntariamente, sacrificando seus sonhos em nome da família.

O poder está concentrado em mãos masculinas há milênios. E os homens temem perder privilégios que asseguram sua “*supremacia*” sobre as mulheres Heleieth Saffioti (1987 p. 16). Neste período de pandemia essa dominação é posta em prova, devido a necessidade da divisão de tarefas no ambiente doméstico.

Segundo Bell Hooks (1952) a masculinidade patriarcal incentiva homens a serem patologicamente narcisistas, infantis e psicologicamente dependentes de privilégios que receberam simplesmente porque nasceram homens. Abrir mão desses privilégios é algo que deve ser desconstruído e nem todos estão prontos para essas mudanças.

Essa cultura de dominação do patriarcado entre mulheres e homens beneficia em grande parte o homem, o espaço público ainda tem a dominação masculina, mesmo que a mulher chegue aos altos cargos, ela ainda carrega a maternidade e os cuidados com a casa.

Existe uma classe de homens que são uma versão moderna, são homens que têm acesso à educação, cultura, em muitas vezes chegam até a repudiar algumas atitudes machistas, sabem dos seus privilégios. Porém esse homem na esfera privada não abre mão do seu descanso para realizar tarefas domésticas.

Madel Luz em seu livro O lugar da mulher (1987, p.28) descreve esse homem como “Novo Homem” nos tempos atuais são chamados de “Esquerdo Macho”.

Apesar de terem o propósito de modernização, na maioria das vezes acabam cobrando da mulher uma super eficiência: ao mesmo tempo em que devem responder aos seus novos “papéis”, devem também preencher satisfatoriamente os antigos (mãe, dona de casa, “esposa”, administradora do lar, etc (Madel Luz, 1987 p.27).

Esse tipo de comportamento tem sua própria versão sobre o feminismo e como a mulher deve se comportar, mas ao ser exposto a uma situação em que o privilégio masculino esteja sendo questionado, suas atitudes se assemelham com a de um conservador. “Os homens temem perder privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres” (Heleieth Saffioti, 1987).

O feminismo incomoda alguns homens, gerando um desconforto e podendo passar uma ideia negativa do movimento para outras pessoas. O patriarcado está enraizado em nossa sociedade há séculos, desde a chegada dos portugueses e a colonização europeia. O machismo veio com a cultura colonizadora em que a mulher é entendida e simbolizada como inferior ao homem, sendo seu dever de mulher: cuidar, zelar pela saúde e bem estar do seu marido e da sua família.

Segundo Mary Drummond (1982 p.76) “o machismo enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino”. Essas identidades, são carregadas de estereótipos, já definidos sobre o comportamento de ambos os gêneros.

Dominação, opressão, superioridade, sentimento de posse e poder sobre a vida do outro, são algumas características do machismo estrutural, socioculturalmente enraizado no ser homem e no ser mulher. Existe em todas as classes sociais, raças, idades, que diferencia esse tipo de comportamento.

O machismo estrutural vem disfarçado com piadas, comentários, “brincadeiras” que podem passar como gestos e falas inocentes ou justificando que “isso é coisa de homem mesmo”.

Porém o machismo é tão nocivo para o homem como também para a mulher. Os meninos desde pequenos são ensinados a serem fortes, a não chorar, ou seja demonstrar sentimentos é proibido para homens. Na frase " homem não chora " quando é dita para uma criança, faz com que o seu sentimento seja reprimido, sem falar que pode trazer traumas para toda uma vida. Ainda, no mundo do trabalho, existem mulheres que recebem um salário menor que seus companheiros homens,

recebem menos que os homens, mesmo assumindo o mesmo cargo e responsabilidade.

Segundo Saffioti (1987) o poder do macho no seio das classes trabalhadoras representa uma vitória da classe patronal e não uma conquista do trabalhador. O machismo faz com que homens e mulheres não se unam para uma igualdade de direitos. A desigualdade entre homens e mulheres é alimentada pelo machismo.

Esse tipo de disputa faz com o crescimento de ambos seja afetado, quando uma mulher que realiza as mesmas atividades que o homem, e recebe menos, ela deixa de dar um auxílio maior para sua família, impedindo dessa família ter mais conforto, lazer e comida. Quando um homem trabalhador assume uma postura machista, ele contribui para o sistema capitalista, que é o único que recebe benefícios dessa desigualdade. O capitalismo faz seus escravos, oferecendo padrões de vida e objetos que estão na moda, onde pessoas necessitam trabalhar mais para satisfazer a necessidade de estar em harmonia com a sociedade.

Conforme Heleieth Saffioti (1987) a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Para que um homem tenha poder, ele necessita a mulher submissa a ele, enquanto ela está ocupada servindo, limpando, cuidando das crianças, idosos e da alimentação de toda a família, o homem tem a oportunidade de construir sua carreira profissional e social.

Os únicos que se favorecem com isso é, apenas, o capitalismo e os homens; já as mulheres continuam a fazer esse tipo de trabalho invisível, que as tornam submissas ao sistema patriarcal, gerando vidas, educando para que essa vida possa atender as necessidades do patriarcado, conseqüentemente dando continuidade ao ciclo perverso e de submissão para mulher.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o exposto, a presente pesquisa buscou compreender de que modo a pandemia em mulheres moradoras no Grande Recife afetou o cotidiano da mulher com a sobrecarga das atividades domésticas: cuidado com as crianças, idosos/às, home

office e as tarefas domésticas-reprodutivas em casa no período de isolamento social provocado pela pandemia do covid -19 no ano de 2020 e os dois primeiros meses de 2021.

Ao analisar as respostas, foi possível identificar que a maioria das mulheres ao serem questionadas sobre como se sentem neste momento de isolamento social e pandemia provocada pelo Covid-19 e o cotidiano do trabalho doméstico em casa ?

A maioria das expressões usadas pelas mulheres que integraram a amostra do questionário para definir seu sentimento, dado o aumento da intensidade desse trabalho doméstico na pandemia, foram sintetizadas nas palavras : Cansada, exausta, sobrecarregada e desanimada. A intensidade da carga doméstica, fez com que essas mulheres dedicassem mais tempo às atividades domésticas, devido a família ficar mais tempo em casa. Com isso aumentou a demanda pelas tarefas a serem realizadas majoritariamente pelas mulheres.

Segundo Flávia Biroli (2016) não há sociedade justa na qual as relações na família sejam estruturalmente injustas. A normalização de conceitos antigos faz com que essa desigualdade na divisão das tarefas faça com que esse tipo de comportamento interfira na vida das mulheres e na vida das crianças que vão crescer vendo e ouvindo que isso é o normal desse modo perpetuando essa cultura.

É possível identificar que as mulheres, mesmo com auxílio dos companheiros, filhos/as elas se sentem cansadas, já que a maior parte ou quase todas as atividades domésticas são realizadas apenas por elas. A dificuldade de conciliar as atividades com o trabalho dentro (Home Office) e fora de casa e filhos/as, o cuidado com os idosos, estudos têm deixado as mulheres cansadas, exaustas e ainda frustradas. Muitas das mulheres que responderam o questionário, entendem que essas atividades não são apenas de competência delas.

Contudo, acabam aceitando a responsabilização com as atividades pelo fato de serem mulheres e culturalmente são as responsáveis pela execução das atividades domésticas. Nessa linha de reflexão, Flávia Biroli (2016) chama atenção para a importância de relações mais justas e democráticas ampliam o horizonte de possibilidades das mulheres, com impacto em suas trajetórias pessoais e suas formas de participação na sociedade.

A pesquisa, mesmo exploratória, também revelou que entre as 19 mulheres entrevistadas, 12 delas afirmaram ter filho/às, alguns em idade escolar, demandando mais atenção em relação a educação formal já que as escolas foram “forçadas a fechar” com a pandemia. Esse cenário torna-se desafiador, pois muitas mulheres têm buscado no senso comum, formas “pedagógicas” de envolver e/ou mesmo “forçar” os/as filhos/as a desenvolverem atividades formais as quais, por conta da pandemia, não tem sido realizada pela escola.

As mulheres passam então a acumular mais uma função, mediadora no processo de escolarização dos/as filhos/as, muitas vezes sem preparo algum. Frente a uma sobrecarga de trabalho o acompanhamento dos/as filhos/as passa significar sofrimento e momentos de intensas expressões de estresse para as mulheres e para os/as filhos/as.

Das 19 mulheres que foram entrevistadas, 15 informaram que moram com seus companheiros. Com o isolamento social as famílias começaram a conviver mais e a usufruir em maior tempo a casa e com isso aumentando as demandas para suprir as necessidades da família. Nesse sentido, destaca-se que as entrevistadas informaram que convivem entre 1 a 5 pessoas na residência. Ver a Tabela nº1 sobre o perfil das mulheres da amostra.

Algumas das mulheres entrevistadas não trabalham fora, porém tem uma rotina de estudos, com a volta das aulas remotamente, a aulas online foram um obstáculos enfrentados por essas mulheres na pandemia. Os depoimentos a seguir ilustram essa percepção:

“Sim [estudo]. Muito complicado conciliar as atividades domésticas, o acompanhamento das aulas on-line das crianças e mais as minhas próprias aulas” (Minerva, 38 anos).;

“Sim. Aula é trabalho. Achei bem puxado pq tinha que dar conta da casa e do trabalho ao mesmo tempo. Por trabalhar em casa a empresa não tem limite de horário para pedir as coisas” (Luna, 36 anos).

A relação trabalho fora de casa e o estudo, estavam presentes no cotidiano das mulheres, mesmo antes da pandemia do novo coronavírus Covid-19. Reforça-se, portanto, que cotidianamente, antes e depois da pandemia, as mulheres têm estado

expostas a uma rotina cansativa. Com a pandemia, estas jornadas foram intensificadas.

Entre os depoimentos das mulheres observou-se que, neste momento de isolamento social ou pandemia, se faz necessário conciliar essas atividades com a nova rotina da família. Frente a essa nova conjuntura de sobrecarga do trabalho doméstico reprodutivo, as questões relacionadas a saúde emocional e psicológica passaram a preocupar também familiares, vizinhança, colegas de trabalho pois passaram a pesar nas relações familiares conforme os depoimentos descritos:

“Sim. Muito pior que trabalhar em campo. Tinha que conciliar casa, trabalho e filho ao mesmo tempo” (Dolores, 48 anos).

“Sim, muito estressante, tendo em vista que sou professora” (Molly, 26 anos).

“Fiz sim. Durante esse período trabalhei dobrado. Precisei conciliar o trabalho doméstico com o trabalho remoto” (Hermione, 55 anos).

“ Sim. No início foi desesperador, conciliar todas as tarefas, - família e profissão” (Gine, 38 anos).

“Sim, sou professora e tive que dar aulas remotas. Foi muito desgastante no início da pandemia, pois precisávamos alinhar as demandas” (Sibila, 43 anos).

Conciliar as tarefas domésticas com os estudos, trabalho remoto (home office), filhos/as, o cuidado com os doentes em momento de pandemia, tem acarretado uma sobrecarga de trabalho cotidiano, sobretudo para as mulheres, pois são elas que assumem essa responsabilidade. Em geral, as mulheres estão à frente dessas atividades. Aos homens cabe o sentido da ajuda e quando podem, assumindo muito menos atividades e responsabilidades do que é demandado ou que as mulheres compreendem que deveria ser justo. Os depoimentos a seguir traduzem relatos nesse sentido:

“Faz quando quer. Marido, às vezes cozinha (Lilian, 33 anos. Casada, ambos trabalham fora);

“De vez em quando. Eu e meu marido, dividimos sempre que é possível” (Narcisa, 33 anos. Casada, apenas o marido trabalha fora);

“Raramente lava a louça, Eu e minha mãe fazemos todas as tarefas, cozinhar, lavar, limpar a casa” (Dolores, 48 anos. Ela

e o marido trabalham fora, moram com os pais e o filho de 15 anos).

Entre a fala das três mulheres é possível identificar a pouca participação ou quase nenhuma dos homens nas atividades domésticas, mesmo realizando atividades fora de casa, os cuidados com os afazeres domésticos são destinados apenas às mulheres. Outro fator agravante dessa questão é a noção de “ajuda”, pois embora os homens se coloquem para contribuir com as atividades, sua intervenção se dá de modo momentâneo, ou seja, quando dá, quando quero, quando posso. Contexto que mostra que não há efetivamente uma divisão justa das atividades.

Quando questionadas as mulheres, em relação à mudança na rotina no cenário de pandemia, algumas mulheres disseram que não houve alteração, porém as atividades domésticas sempre tiveram presentes como de suas responsabilidades no cotidiano. Nesse sentido, Mafalda (27 anos, solteira) afirma: “ Em *relação a isso nada mudou.*”

Por outro lado, a maioria das mulheres relataram *que houve sim*, em relação a elas: houve uma mudança em relação aos afazeres domésticos, sobretudo no que diz respeito a *intensidade e aumento*, pois com mais pessoas em casa, gera-se mais demanda para limpeza, cuidados, produção de alimentos, entre outras atividades que são desenvolvidas no dia a dia do espaço doméstico, . E com isso estão se sentindo sobrecarregadas com todas essas atribuições.

O cuidado com os pais está redobrado. Estou trabalhando bem mais (Luna, 36 anos);

Aumentou. Pelo fato de estar todo mundo em casa, o trabalho aumentou (Hermione, 55 anos, casada há 32 anos, mora com a filha e o marido);

Sim. Sempre cuidei das minhas três filhas, porém quando estavam indo pra escola, fazia os serviços domésticos com mais tranquilidade, pois não precisava tomar conta delas nesse horário e a atenção redobrou elas em casa. Porém, nossos momentos juntos têm sido maravilhosos, mesmo com as atividades do dia a dia (Sibila, 43 anos, casada há 14 anos);

Sim. A sobrecarga foi intensa em ter que acompanhar as aulas on line dos filhos e a permanência dos mesmos em casa por tempo integral, ter que dar suporte aos meus pais idosos, referente à serviços em que os mesmos não podiam executar por fazerem parte do grupo de risco, os cuidados com a higiene que precisaram ser intensificados e migrados para outros

segmentos tais como limpar mercadorias ao chegar do supermercado entre outros (Minerva, 38 anos, casada a 15 anos, duas filhas).

O trabalho doméstico está sempre presente na vida das pessoas, pois ele é fundamental para promoção do bem-estar da família e é responsável pela garantia da reprodução e manutenção da vida. Essa realidade exige, sobretudo das mulheres, longas horas de dedicação à família sem a prerrogativa de descaso, pois são atividades inacabadas, ou seja, geram-se demandas constantes. Numa sociedade patriarcal, observa-se ainda que é um desafio romper com essa lógica, principalmente considerando que esse é um processo naturalizado pela cultura que estabelece o lugar e as funções de homens e mulheres na sociedade.

Segundo Federice. S (2019) na maioria das vezes, a presença dos homens em casa não significa cooperação ou distribuição mais harmônica das tarefas entre toda a família, mas sim o aumento do trabalho invisível e não remunerado das mulheres. Intensificado com o isolamento social, as mulheres sentem a sobrecarga, independente de serem casadas, com ou sem filhos/as, de alguma forma essas atividades, mesmo para aquelas que dizem gostar de realizar as tarefas domésticas, essa realidade provoca diferentes formas de insatisfações:

Injustiçada. Afinal, todos em casa usufruem dos recursos domésticos para se manterem alimentados, higienizados e confortáveis porém, não executam a manutenção desses recursos para serem utilizados novamente, atribuindo essa função a uma só pessoa da casa (Minerva, 38 anos);

Sobrecarregada, cansada, estressada (Cho, 60 anos);

Muito cansada e desmotivada (Lila, 28 anos);

Cansada, sempre cansada (Molly, 26 anos);

Quando tenho que limpar o que outros sujaram me sinto irritada e frustrada;

Quando sujam o que eu limpei me sinto desrespeitada (Mafalda, 27 anos).

Os depoimentos apresentam percepções comuns sobre o desafio de realização das atividades domésticas no cotidiano das mulheres, soma-se a isso, a rotina de estudo, trabalho remoto (home office) ou fora de casa, cuidado com filhos/as, e a falta

da participação e responsabilização dos companheiros na execução dessas atividades. Por outro lado, ainda que de forma pontual e enquanto ajuda, quando as atividades domésticas são divididas com os companheiros, as mulheres não se sentem sobrecarregadas, embora não haja uma divisão justa e correspondente a responsabilidade que todos/as precisam conferir ao espaço doméstico. Os relatos adiante ilustram essa percepção:

Satisfeita (Rita, 61 anos, mora com a filha que contribui com as atividades domésticas);

Missão realizada em oferecer um ambiente limpo e organizado que traga bem estar para mim e minha família (Pamona, 33 anos, mora com filho e o marido que faz de tudo um pouco);

Me sinto bem, assim que casei não gostava, mas foi uma adaptação necessária, depois dos filhos me acostumei (Gine, 38 anos, mora com filho, filha e o marido, ambos colaboram com as atividades domésticas)

Constata-se que o envolvimento de todos os membros da família na execução das atividades domésticas contribui para o bem estar de todos/as. Principalmente em relação a saúde emocional da mulher, quem passa não se sente sobrecarregada e consegue conciliar seu tempo com outras atividades fundamentais para uma vida mais tranquila. Segundo Flávia Biroli (2014) não há sociedade justa na qual as relações na família sejam estruturalmente injustas. Com a participação de todos, o bem-estar da família se torna coletivo, incluindo a mulher, que historicamente sempre está preocupada e ocupada em realizar essas atividades.

Essa sobrecarga de atividade limita e ou mesmo impede as mulheres de garantir um autocuidado, de vivenciar possibilidades, sonhos e realizar projetos pessoais. A vida das mulheres acaba se materializando num processo constante de dedicação ao bem-estar e atendimento das necessidades do/a outro/a.

As atividades domésticas não são apenas uma obrigação da mulher, e sim daqueles que moram e usufruem da casa. A cultura de que as mulheres são biologicamente preparadas para essas atividades, reforça a desigualdade de gênero.

Atributos sexuais são fatos biológicos, mas gênero é produto de um processo histórico. O fato de mulheres terem filhos ocorre

em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos ocorre em razão do gênero, uma construção social (Gerda Lerner, 1986, p.47)

Outro destaque importante na pesquisa, foi no momento em que as mulheres foram questionadas sobre: “*o que deveria ser mudado em relação aos trabalhos domésticos?* “

A divisão justa e contínua das atividades estiveram presentes na maioria das respostas: Vejamos

Sim, deveríamos ter mais apoio para ajudar (Narcisa, 33 anos);

Sim. Acho que meu companheiro deveria ajudar (Murtua, 38 anos);

Sim. Divisão constante de tarefas , não esporadicamente (Minerva, 38 anos);

Mais ajuda do companheiro. E das outras irmãs quanto aos cuidados com os pais (Luna, 36 anos);

Sim. Me sinto sobre carregadíssima [...] no meu caso só uma sorte na loteria para resolver. Como sei que isso está fora de cogitação, vou dando meu jeito e tentando criar uma rotina mais tranquila, sem cobranças de minha parte. (Sibila, 43 anos).

Embora o sentido do questionamento tenha sido a noção de justiça na divisão das atividades domésticas, os relatos continuam fazendo destaque a lógica da *ajuda*. Essa realidade traduz a necessidade de uma reflexão mais profunda no sentido de atribuição das responsabilidades das atividades domésticas ao homem e aos demais membros da família.

O que seria efetivamente justo? A divisão das atividades de forma equilibrada e constante ou uma ajuda pontual e momentânea? Esse parece ser um grande desafio, pois para as mulheres aqui entrevistadas a noção de ajuda ainda que seja mínima já promove um alívio e bem estar.

Contudo, reforça-se a necessidade de problematizações nesse sentido, uma vez que a responsabilização das atividades domésticas para a mulher ainda assume a

lógica de naturalização que por sua vez é perversa. Flávia Biroli (2014) fala da divisão sexual do trabalho enquanto um fator relevante na reprodução dessas desigualdades.

Outrossim, refere-se ao questionamento em relação ao aumento do consumo de bebidas alcoólicas neste período de pandemia. Segundo o universo de mulheres entrevistadas, não foi relatado nenhum problema e/ou conflito na família ligado ao consumo de álcool. Embora, alguns relatos tenham informado o aumento do consumo do álcool, não foi destacado como algo que tenha relação com a falta de participação das atividades domésticas e não foi relacionado com violência doméstica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo, apreender e compreender a vivência das mulheres em relação à sobrecarga do trabalho doméstico por parte das mulheres nesse período de pandemia do COVID-19, em relação a divisão das tarefas domésticas, home office, o cuidado com os idosos e doentes, educação da criança entre outras atribuições relacionadas “à naturalização da divisão sexual do trabalho doméstico reprodutivo com as mulheres.

Pesquisa constatou que realmente o cotidiano doméstico reprodutivo das mulheres tem elevado os tempos e intensidade desse trabalho no seio do convívio familiar. A pesquisa identificou esse aumento, na fala das mulheres que preencheram o questionário. As mulheres evidenciam essas desigualdades, essa sobrecarga de trabalho, e expõem os sentimentos que essas desigualdades cotidianamente vividas deixam e que foi intensificada na pandemia da covid-19, onde as pessoas de modo geral foram convidadas a conviver por mais tempo com a família.

As falas revelam o que sentem em relação a essas desigualdades na própria família; não negaram, nem esconderam. O isolamento social, agravou essa sobrecarga já existente, porém a exposição, revelando que não é algo natural, mas expressão das relações de poder patriarcal e da dominação masculina às mulheres.

A sobrecarga da mulher, na qual a sociedade patriarcal defende esse, a dominação e opressão da mulher. “O cuidado com as crianças, com as pessoas doentes e com os idosos, quando entendido como um problema individual ou das famílias como entidade privada” [...] expõe um de nós na reprodução da vulnerabilidade econômica diferenciada de homens e mulheres.

Nesse momento de pandemia, em que o isolamento social se faz necessário para impedir o agravamento da doença do covid-19, esse cuidados que já era presente na vida das mulheres foi intensificado, algumas das entrevistadas relataram que o cuidado com os idosos e com as crianças, são as atividade que sobrecarrega essas mulheres, essa atividade é destinada geralmente a uma pessoa mais próxima ou que tenha mais disponibilidade, geralmente são as mulheres que assume esse papel de cuidar, deixando projetos, carreiras, o cuidado com si mesma de lado.

Em algumas poucas, as repostas onde há uma igualdade na divisão das tarefas domésticas, as mulheres que afirmaram não estar sobrecarregadas, isso é possível devido às atividades do cotidiano serem divididas igualmente. Sendo assim, essas mulheres têm mais tempo para realizar outras atividades como trabalho, estudo ou até mesmo apenas descansar.

A palavra “ajudar” aparece na fala das mulheres, os homens se isentam das atividades realizando quando estão disposto a fazerem, esse privilégio masculino é uma das características do machismo, que isentam os homens dessa atividades, mesmo estando presente no dia a dia, as atividades ainda são realizadas por mulheres. A dominação masculina é um fenômeno histórico, porque surgiu de um fato biologicamente determinado e tornou-se uma estrutura criada e reforçada em termos culturais ao longo do tempo. A cultura de que as mulheres são responsáveis reforça a desigualdade de sexo e concede privilégios ao homem.

O trabalho de home office, permitiu a flexibilidade no tempo dessa mulher, porém, ao se associar com as outras atividades, essas mulheres se viram mais cansadas e estressadas. Antes da pandemia, o trabalho fora da esfera doméstica, permitia uma maior concentração, com horário determinado, uma rotina estabelecida.

É importante confrontar a cultura que o homem é criado para a esfera pública, e, a mulher para a privada. Nos tempos atuais, mulheres e homens têm uma rotina quase que iguais. As mulheres trabalham fora do ambiente doméstico e contribuem com as despesas da casa, mesmo assim ao chegar em suas casas se deparam com a sua segunda jornada do dia, realizando um trabalho que deveria ser amabas as pessoas moram na residência.

Mulheres e Homens são iguais em sua humanidade em comum. Porém essa igualdade não ultrapassa as linhas de um livro, o privilégio de ter alguém para cuidar de tudo e assumir as responsabilidades no cuidados com a família enquanto descansa, faz com que esse homem tenha medo de perder esse privilégio.

A problemática estudada neste trabalho é: Qual a percepção das mulheres em relação a sobrecarga do trabalho doméstico durante a pandemia do covid-19? O resultado foi que as mulheres estão mais perceptíveis quanto à divisão das atividades domésticas, e que a sobrecarga não é algo natural e que a constante divisão dessas atividades são importantes, para o seu bem estar. o estudo também apresentou que a ausência da participação dos companheiro é algo cultural que conforme a literatura estudada.

De forma conclusiva o presente artigo permite destacar que com a divisão das atividades domésticas, é possível contribuir não só com o bem estar das mulheres como também garantir a igualdade de direitos. Através da desconstrução do machismo vai permitir que ambos os sexos tenham chances iguais de evoluir profissionalmente, intelectual, mental.

Uma visão de mundo feminista permitirá que mulheres e homens libertem a mente do pensamento patriarcal, e também de sua parática, para enfim construirmos um mundo livre de dominação e hierarquia, um mundo que seja verdadeiramente humano, GERDA.

Referências:

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens**/ tradução Luiza Sellera.- Cultrix: São Paulo, 2019.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. De 19 de Outubro de 2020. Disponível em; <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/> Acesso em 04/02/2021 às 20:19.

BIROLI, Flávia. **Divisão Sexual do Trabalho e Democracia** Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol 59, Nº 3, 2016, pp 719 a 681.

Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia Números da violência contra a mulher caíram em apenas três estados.

De 01 de 2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia> Acesso em 27/09/2020

Homens assumem tarefas domésticas na pandemia, mas mulheres ficam sobrecarregadas. Folha de São Paulo; São Paulo. De julho de 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/homens-assumem-tarefas-domesticas-na-pandemia-mas-mulheres-ficam-sobrecarregadas.shtml> Acesso em 20/10/20

HOOKS, Bell **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras** : tradução Bhuvi Libiano.- 12 ed- Rosa dos tempos: Rio de Janeiro, 2020.

IBGE: **Desemprego na pandemia atinge maior patamar em agosto.** De 18 de Setembro de 2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-09/ibge-desemprego-na-pandemia-atinge-maior-patamar-em-agosto> Acesso em 21/09/2020..

IBGE: Em **média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas**. De 16 de julho de 2020. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas> Acesso em 19/10/2020

Federici S. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Elefante:São Paulo; 2019.

FREITAS, Karin. **Mulheres em Movimento, dividir as tarefas domésticas e dizer não a violência Contra a Mulher**. Folha de Pernambuco. Recife, 03 de dezembro de 2020. Disponível

em:<https://www.folhape.com.br/colunistas/mulheres-em-movimento/dividir-as-tarefas-domesticas-e-dizer-nao-a-violencia-contra-a-mulher/22011/> acessado em 01/01/2021

KERGOAT, Daniele. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais do sexo**. IN: HIRATA, H. et al (org). Dicionário Crítico do Feminino. Editora UNESP: São Paulo, 2009, p. 67-75.

MIGUEL, Luis Felipe **Feminismo e política: uma introdução/** Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli. - 1 ed. Boi e Tempo: São Paulo, 2014

MINAYO, Maria Cecília et, al. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis , Vozes: Rio Janeiro, 1994.

MOURA, Isabella. **Esquerdomachos: quem são eles e por que estão ganhando péssima fama**. Paraná. De 29 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.gazetadopovo.com.br/ideias/esquerdomachos-que-m-sao-eles-e-por-que-estao-ganhando-pessima-fama-de4pn2kba8pcdzeqk14gd7zso/amp/> Acesso em 27/10/2020.

Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas.

De 31 de maio de 2019. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas#:~:text=As%20mulheres%20dedicaram%2C%20em%20m%C3%A9dia,tarefas%20%E2%80%93%2010%2C9%20horas>. acessado em 12/10/2020.

LUZ, Madel T. et,al **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual** / Edições Graal: Rio de Janeiro, 1982.

SAFFIOTI, Heleieth **O poder do Macho**/. Moderna: São Paulo, 1987. (Coleção Polêmica).

BEAUVOIR, Simone **O segundo sexo: fatos e mitos**/ .tradução Sérgio Milliet.-5.ed.- Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2019.

Porto, D. (2008). **Trabalho doméstico e emprego doméstico**: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. *Revista Bioética*, 16(2), 287-303. Recuperado de;

http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/74/77. Acesso em 04/03/2021.

NGOZI, Chimamanda. **Sejam todas feministas**/ tradução Christina Baum- 1 ed, Companhia das letras: São Paulo, 2015.

SDS. **Violência Doméstica e Familiar contra a mulher**. Janeiro de 2021 Disponível em:<https://www.sds.pe.gov.br/estatisticas/40-estatisticas/178-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher> Acessado em 30/01/2021.

Violência doméstica durante a pandemia de covid-19 - ED.2 De 29 de maio de 2020. Disponível em

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf> acessado em 26/09/2020.